

As possibilidades de atividades na escola que valorizem a diversidade linguística dos alunos

Fernanda Duarte Araújo Silva¹, Bruna Paulina de Carvalho Silva²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir alguns conceitos de linguagem e, a partir deles, tecer algumas considerações sobre o trabalho pedagógico que deve ser desenvolvido nas instituições escolares. Autores como Possenti (1996) e Antunes (2007) destacam que a concepção de linguagem deixou de ser entendida na atualidade apenas como a expressão do pensamento para ser vista também como um instrumento de comunicação e interação no ato social. Sabemos que nossa realidade contempla uma diversidade cultural. Cada comunidade possui formas linguísticas variadas: assim, não existe em nosso país uma única forma de linguagem, e a variação linguística constitui-se em um fator cultural. Devemos ter claro que, ao valorizarmos o conhecimento das diferentes culturas, propiciamos ao aluno sentir-se realmente inserido no contexto social, além de ter oportunidades de aprimorar sua língua e, respectivamente, buscar a garantia de seus direitos no contexto em que vive. Percebemos, em linhas gerais, que ainda perpetuamos no contexto social uma grande desvalorização das diversas línguas, com um ensino de mera reprodução e imposição do que achamos correto ensinar. O professor deve, então, estimular seus alunos, propiciar situações em que esses sujeitos tenham o desejo e a vontade de construir novos conhecimentos a partir de suas ideias, experiências e vivências. Assim, o processo de aprendizagem se constituirá na participação de todos os envolvidos, a partir de projetos e atividades que busquem a construção de aprendizagens significativas.

Palavras-chave

Linguagem. Educação. Diversidade Cultural.

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, professora na Universidade Federal de Uberlândia – Campus do Pontal. E-mail: fernandaduarte@pontal.ufu.br

2 Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus do Pontal. E-mail: brunapaulvna@hotmail.com.

The possibilities of activities in school that values the linguistic diversity of the pupils

Fernanda Duarte Araújo Silva*. Bruna Paulina de Carvalho Silva**

Abstract

This article aims to discuss some concepts of language and from them make a few remarks on the pedagogical work that must be developed in schools. Authors like Possenti (1996) and Antunes (2007) emphasize that the conception of language is no longer understood today only as the expression of thought to be also seen as a tool for communication and interaction in the social act. We know that our reality includes cultural diversity. Each community has different linguistic forms, so there isn't in our country a unique form of language, and linguistic variation is in a cultural factor. We should know that if we value the knowledge of different cultures, we will propitiate the students to feel really fitted into the social context, besides having opportunities to hone improve their language and respectively reach the guarantee of their rights in the context they live. We realize, in a general way, that we still perpetuate in the social context a major devaluation of the linguistic diversity, with a mere reproduction of education and enforcement of what we teach is correct. The teacher should then encourage their students, provide situations in which these individuals have the desire of learning and build their new knowledge from their ideas and experiences. So, the learning process will consist of the participation of everybody involved, from projects and activities to build meaningful learning.

Keywords

Language. Education. Cultural Diversity.

* Master in Education by the Federal University of Uberlândia. Professor at the Federal University of Uberlândia – Pontal Campus. E-mail: fernandaduarte@pontal.ufu.br

** Student of the Pedagogy course at the Federal University of Uberlândia – Pontal Campus. E-mail: brunapaulyna@hotmail.com.

Introdução

O presente trabalho pretende discutir alguns conceitos de linguagem e, a partir deles, tecer algumas considerações sobre o trabalho pedagógico que deve ser desenvolvido nas instituições escolares. Não temos a pretensão de esgotar um tema tão vasto como este, mas sim, abordar aspectos essenciais no que diz respeito à valorização de diferentes formas de linguagem.

Autores como Possenti (1996) e Antunes (2007) destacam que a concepção de linguagem deixou de ser entendida na atualidade apenas como a expressão do pensamento para ser vista também como um instrumento de comunicação e interação no ato social.

Sabemos que nossa realidade contempla uma diversidade cultural. Cada comunidade possui formas linguísticas variadas, dessa maneira, não existe perante nosso país uma única forma de linguagem e a variação linguística constitui-se em um fator cultural. Nesse sentido, ao analisarmos as dificuldades dos alunos no que diz respeito à linguagem escrita, muitas vezes percebemos que esses sujeitos possuem sua própria linguagem e a escola, por sua vez, tenta impor a linguagem dita formal, desvalorizando suas culturas. Possenti (1996, p.18) ressalta:

[...] a tese de natureza político-cultural basicamente que é uma violência, ou uma injustiça, impor a um grupo social os valores de outro grupo. A chamada língua padrão é de fato do dialeto dos grupos mais favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural, também seriam impostos os valores culturais ligados às formas ditas cultas de falar e escrever, o que implicaria em destruir ou diminuir valores populares.

Devemos ter claro que, ao valorizarmos o conhecimento das diferentes culturas, propiciamos aos alunos sentir-se realmente inserido no contexto social, além de oportunidade de aprimorar sua língua e, respectivamente, buscar

a garantia de seus direitos no contexto em que vive. O professor tem uma função primordial nessa perspectiva, que é a de garantir o conhecimento da língua denominada padrão. Assim, não existe “certo” e “errado” no que diz respeito à linguagem. Cabe ao educador trabalhar as diversas formas de linguagem, valorizando a maneira de falar pertencente aos sujeitos, suas famílias e seus grupos sociais.

Observar e refletir sobre a questão cultural de seus educandos significa reconhecer a diversidade linguística e trabalhá-la em todos os seus aspectos, permitindo que tanto sua expressão quanto a do seu aluno sejam compreendidas e valorizadas.

Concordamos, então, com Paulo Freire (1996, p.46), quando menciona a principal atividade exercida pelo educador no cotidiano escolar.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou com a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.

Percebemos que apenas possuir uma concepção clara sobre os processos de ensino aprendizagem não é o suficiente. É necessário que o trabalho docente seja voltado para o todo dando liberdade ao aluno de expor sua imaginação. Instigá-los a fazer leituras de acordo com suas realidades e, a partir delas, estimulá-los a praticar a escrita de acordo com seus conhecimentos literários. Isso é diferente de restringir seu trabalho à mera imposição do que julgamos relevante. Nesse sentido, teremos a oportunidade de construir

conhecimentos significativos com os educandos, garantindo também a aprendizagem da língua padrão, tão valorizada na nossa realidade.

A criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem, busca compreender a natureza da linguagem à sua volta. E assim, segundo Bontempo (2003), a partir da interação com a escrita, constrói regularidade, constrói sistemas de interpretação, pensa, raciocina, inventa, coloca à prova suas antecipações, enfim, reinventa a escrita, objeto social particularmente complexo.

Segundo Possenti (1996), não aprendemos a língua padrão por exercícios, mas por práticas significativas e contextualizadas. Assim, o trabalho com frases tão presentes em algumas cartilhas de alfabetização como “O boi baba” e “Eva viu a uva” não tem valor diante do contexto dos alunos. Assim, essas práticas devem ser repensadas.

Entre as alternativas para concretizarmos uma proposta de trabalho pedagógico que reconheça e valorize a diversidade de linguagens dos educandos, podemos destacar:

a. Organizar momentos de rodas de conversa com a turma, nas quais assuntos como o planejamento de um passeio, a proposta para elaboração de um livro ou a organização de um evento serão discutidos por todos;

b. Trabalhar com contação e leitura de histórias, utilizando para esses momentos diferentes recursos. A criança que cresce ouvindo histórias infantis desenvolve seu imaginário, além de estimular sua formação como leitor;

c. Recriar histórias, imaginando e tornando-as inseridas no nosso contexto social;

d. Levar os alunos à biblioteca da escola e da cidade para conhecerem a diversidade de obras e as distintas formas

de linguagens utilizadas pelos autores. A biblioteca pode também despertar nas crianças o encanto pela leitura:

e. Criar oportunidade para a realização de trabalhos em grupo, para as crianças debaterem diferentes temas propostos e, assim, compartilharem experiências;

f. Instigar os alunos no processo da escrita, fazendo com que os mesmos estabeleçam uma boa relação com a linguagem escrita:

g. Dividir a turma em grupos de quatro crianças numerando-as; distribuir, entre as equipes, uma folha de papel; apresentar às equipes uma música; pedir que o aluno um de cada uma das equipes registre, na folha, ao sinal dado pelo professor, suas ideias, sentimentos, emoções apreendidas ao ouvir a música; solicitar-lhe que, no final do seu tempo, passe a folha ao aluno dois, que deverá continuar a tarefa. E assim sucessivamente, até retornar ao aluno um, que deverá ler o produto final de todo o trabalho para toda a classe. A folha de papel deverá circular no sentido horário;

h. Pesquisar com as crianças diferentes brincadeiras que ocorrem em diversas regiões brasileiras como o esconde-esconde, o passa-anel, os jogos de sorte, o pega-pega, conversando também sobre os diferentes nomes que a mesma brincadeira pode ter, de acordo com o local;

i. Solicitar que as crianças registrem as regras das brincadeiras preferidas e pedir que troquem os textos entre os grupos, reelaborando-os, caso seja necessário;

j. Pedir às crianças que construam textos coletivos sobre brinquedos que trouxeram de casa. Esse texto deverá contemplar quais brinquedos foram

utilizados, com quem e como as crianças brincaram e o que acharam desse brincar;

k. Incentivar as crianças a escreverem cartinhas para amigos e familiares e anotar atividades importantes que não podem ser esquecidas. Isso fará com que elas pratiquem a escrita diariamente;

l. Construir um mural intitulado “Correio da sala”. Nele, cada criança terá um envelope com seu nome, devendo deixar bilhetes para os demais colegas;

m. Oferecer e explorar, de diferentes maneiras, textos variados, como: letras de música, panfletos, poemas, entre outros.

Vale destacar que o professor deve construir registros sobre o desenvolvimento de cada criança no processo educacional: registrando dados que possibilitam um olhar amplo no desenvolvimento do conhecimento dos sujeitos diante dessas atividades. A avaliação do processo de ensino/aprendizagem possibilita investigar e refletir sobre a ação do educando e do educador, instigando a transformação por meio da reorganização do trabalho pedagógico que está sendo desenvolvido na escola.

Algumas considerações

Ressaltamos que pensar um trabalho que valorize a diversidade cultural de nossos alunos nos fez refletir sobre as diversas ações educativas que desenvolvemos na escola. Muitas de nossas práticas pedagógicas não se coadunam com os objetivos de uma educação libertadora e emancipatória em que acreditamos.

A legitimidade desse trabalho está na validade de uma proposta que deve propiciar às

nossas crianças um processo educativo pautado no diálogo, na reconstrução e na superação de situações de dificuldades encontradas pelos alunos. Os educadores desenvolvem função primordial nesse processo, como mediadores, acompanhantes e agentes de transformação da realidade educacional, tendo como base os fins estabelecidos para a educação.

Com certeza, inúmeras dificuldades surgem no decorrer do trabalho. Mas, essas podem ser superadas por meio de discussões, discordâncias, questionamentos, e, acima de tudo, a partir do envolvimento dos profissionais da educação no transcorrer da construção e desenvolvimento da proposta.

Percebemos que ainda perpetuamos no contexto social uma grande desvalorização das diversas linguagens, com um ensino de mera reprodução e imposição do que achamos correto ensinar. Muitas vezes os professores não estão estimulados a desenvolver um trabalho que contemple as diferenças ou simplesmente não têm consciência das discussões realizadas sobre o tema.

Conhecer o outro, valorizando-o sem impor pré-julgamentos, e fazer com que o educando seja o centro de todo desenvolvimento escolar, permitem a construção de bons resultados no desenvolvimento dos alunos, e a valorização da diversidade de linguagens e culturas possibilitam a formação de sujeitos críticos e ativos no meio em que vivem.

O professor deve estimular seus alunos, propiciar situações em que esses sujeitos despertem o desejo e a vontade de construir novos conhecimentos a partir de suas próprias ideias, experiências e vivências. O processo de aprendizagem se constituirá, dessa forma, com a participação de todos os envolvidos, a partir de projetos e atividades que busquem a construção de aprendizagens significativas.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com sucesso.** Contagem: Oficina Editorial, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais:** Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado Livre, 1996.

Submetido em 14 de junho de 2010

Aprovado em 30 de maio de 2011